

II GELLNORTE e VII FCLL-NORTE

Linguística e Literatura na Amazônia: políticas de pesquisa para as margens

Universidade do Estado do Amazonas – Escola Normal Superior
Manaus – 28 a 31 de maio de 2019.

MINICURSOS “D”

26-33

Dia 31 de maio de 2019

08h-12h

26. INTRODUÇÃO À PSICOLINGÜÍSTICA EXPERIMENTAL: AQUISIÇÃO E PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM

Dr. Márcio Martins Leitão (UEPB)
Dra. Ana Paula Martins Alves Salgado (UFRA)

O objetivo do minicurso é apresentar os conceitos teóricos básicos relacionados à Psicolinguística Experimental e também os procedimentos metodológicos específicos dos estudos experimentais na área da Aquisição e do Processamento da Linguagem, como leitura automonitorada, rastreamento ocular, *priming*, etc. Além disso, mostraremos exemplos concretos de experimentos relacionados a vários fenômenos linguísticos e a algumas interfaces aplicadas, como estudos de processamento em indivíduos com algum tipo de déficit ou patologia referentes à linguagem (TDAH, Dislexia, Afasia, entre outros), ou ainda estudos relacionados ao entendimento de como bilíngues processam a linguagem, além de estudos recentes na interface entre Psicolinguística e Educação. Apresentaremos, em linhas gerais, os laboratórios existentes no Brasil e os principais pesquisadores da área. Acreditamos que o minicurso pode servir como fomento a reflexão e a discussão sobre o potencial da Psicolinguística Experimental nessas interfaces, gerando e ampliando as pesquisas da área na região Norte, onde ainda são muito incipientes os estudos em Psicolinguística Experimental. Por isso, também temos a intenção de, a partir da introdução sobre a área, buscarmos professores, alunos e pesquisadores interessados em compor parcerias para investigações futuras sobre Aquisição e Processamento linguístico na região Norte.

27. O ENSINO DE LITERATURA NA BNCC: RUPTURA E CONTINUIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO FUNDAMENTAL

Dra. Tânia Toffoli (UNICAMP/UERGS)

Partindo das teorias críticas, pós-críticas e contemporâneas do currículo, pretende-se discutir a posição do ensino de literatura ao longo da Educação Básica, culminando na questão da formação do professor. Para isso início com uma breve exposição dessas teorias a partir de Macedo (2017), discutindo a não neutralidade do currículo e suas relações com as culturas e disputas do campo na sociedade, e de algumas ideias de Compagnon (2009) sobre os poderes da literatura e seu papel na sociedade contemporânea e na escola e de Frye (2017) relativas ao ensino de literatura, focando

especialmente na alusividade literária. Em seguida analiso os textos da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para Educação Infantil e Ensino Fundamental com enfoque no conceito de infância e sua relação com o lugar da arte e principalmente da literatura. A partir das análises são problematizadas uma das rupturas – a diminuição gradativa da centralidade da afetividade e da arte – e uma das continuidades – o privilégio de uma abordagem linguística da literatura em detrimento de outras. Por fim, são propostos questionamentos sobre possibilidades de problematização dos aspectos discutidos em sua relação com a formação do professor, apontando para problemas do tecnicismo e do utilitarismo que levam à falta de consideração do processo histórico inerente ao ensino de literatura e do percurso gradativo e de longo prazo necessário para a criação de repertórios literários pautados na diversidade tanto na formação de professores quanto de alunos.

28. DA SOCIOLINGUÍSTICA À DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Dra. Marília Silva Vieira (UEG)

Este minicurso pretende apresentar o arcabouço teórico-metodológico e os conceitos que subjazem às duas principais correntes dos estudos de variação, a Sociolinguística e a Dialetoлогия. Enquanto o termo *Dialetoлогия* é anterior à configuração da Linguística como ciência, a Geografia linguística ou Geolinguística, método da Dialetoлогия, desponta com as pesquisas Wenker (1881) e Gilliéron (1902). Por sua vez, a Sociolinguística, consagrada com as pesquisas de Labov (1972), surge diante da lacuna deixada pelo Formalismo linguístico, que havia preterido da sua agenda uma discussão satisfatória sobre a mudança linguística. Nesse sentido, a Sociolinguística enfoca os padrões linguísticos verificados em uma comunidade de fala, analisando a heterogeneidade de forma sistemática, por meio de regras variáveis. Com a consolidação dessa corrente de estudos, houve o aprimoramento de modelos científicos para descrever a variação linguística, fato que influenciou a Dialetoлогия de forma direta, a partir da elaboração de um novo método geolinguístico, conhecido por Dialetoлогия Pluridimensional, tal como o denominam Radtke e Thun (1998). Nesse novo modelo, observa-se a inserção de variáveis sociais e linguísticas, além da clássica variável diatópica. Com base nesse panorama epistemológico, o presente minicurso discorrerá sobre a complexidade que os mapas linguísticos adquiriram a partir da inserção de novas dimensões de análise, como a diastrática, a diafásica e a diagenérica. Desse modo, entre outros objetivos, o minicurso se dedicará a explicar como a Dialetoлогия deixa de ser monodimensional para ser pluridimensional.

29. A CONTRIBUIÇÃO DA SEMÂNTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

Michely Ferreira (SEDUC-AM)
Geceilma Oliveira Pedrosa (IFAM)

O presente minicurso intitulado: A contribuição da semântica no ensino de Língua Portuguesa para surdos, tem como objetivo principal refletir sobre a produção de sentidos na leitura empreendida pelos surdos a partir de gêneros textuais. Por serem usuários da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e pelo fato de que a Lei nº10.436 de 24 de abril de 2002, em seu parágrafo único afirma que “a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”, o que implica dos surdos tornarem-se sujeitos bilíngues e em decorrência das diferenças gramaticais e do modo de percepção e produção da língua portuguesa (L.P), muitas vezes os mesmos encontram dificuldades na compreensão de sentidos presentes nos textos. No entanto, o professor ao tentar ressignificar o processo de ensino de LP como L2, surge um questionamento que é a mola propulsora desta pesquisa: que estratégias podem ser utilizadas e que facilitam o processo de produção de sentidos na leitura de signos em uma língua de modalidade oral-auditiva como a Língua Portuguesa? Portanto, com esta proposta, pretendemos mostrar algumas estratégias utilizadas em sala

de aula, que já foram aplicadas com alunos surdos do 1º e 3º ano da Escola Estadual Frei Silvío Vagheggi, umas das redes de ensino inclusiva em Manaus.

30. BICHOS E VISAGENS NA LITERATURA INDÍGENA AMAZONENSE

Francisco Bezerra dos Santos (UEA-PPGLA)

Jackeline Mendes Brandão (UEA-PPGLA)

A literatura indígena é uma produção recente, mas não menos complexa. Os textos indígenas começam a aparecer no final do século XX e no século XXI ganham maior visibilidade. Esses textos são escritos por líderes indígenas que expõem suas próprias versões da vida ameríndia. No Amazonas, em particular, existe um grande número de escritores representantes de etnias indígenas que descrevem seus costumes, mitos e lendas em narrativas provenientes da oralidade que são transcritas para o formato de livro. Nessas narrativas é muito comum a convivência entre homens e bichos no espaço da floresta. Além disso, nessa literatura é impossível não se deparar com histórias de visagens que causam espanto e admiração no leitor. Geralmente, esses entes fantásticos advertem sobre algum perigo ou desobediência às leis da natureza. Diante dessas reflexões, essa proposta de minicurso tem como objetivo apresentar uma abordagem sobre o animal na literatura, algumas considerações sobre a relevância e função de bichos e seres sobrenaturais na literatura de autoria indígena amazonense, bem como analisar juntos aos participantes a relação entre humanos e não humanos a partir da leitura de algumas narrativas. As considerações feitas por este minicurso terá como suporte teórico estudiosos da literatura indígena brasileira, a saber: Thiél (2012), Graúna (2014), Dorrico (2018), entre outros.

31. HISTÓRIA E MEMÓRIA: A POESIA NUA DE ADÍLIA LOPES

Rayesley Ricarte Costa (UFAM)

Neste minicurso, busca-se a compreensão da produção literária de Adília Lopes, autora contemporânea portuguesa, que se inscrevera no campo literário em 1985 com *Um jogo bastante perigoso*. O que se apresenta são os resultados de dois anos de pesquisa, estando o primeiro ano ligado à condição feminina no contexto português e o segundo ligado à reconstrução da identidade feminina ferida, em aspecto mais geral. Não é pretendido, certamente, com a leitura e análise dos poemas de Adília, traçar perfis femininos, mas propor leituras possíveis, abertas à complementação. Importante dizer que por estar Adília num grupo ainda à margem, o estudo de sua criação literária faz com que a História, a que é mostrada nos livros didáticos, ou aquela que as estruturas de controle querem única, seja discutida a partir de outra perspectiva, a do feminino, posto que as vozes dos poemas adilianos são quase sempre – se não sempre – femininas e estão a denunciar as violências a que o sujeito feminino é submetido. Estas vozes dão voz a outras mulheres, que se encontram ainda subalternas, dadas as relações de poder e violência, que ainda permeiam as relações de gênero. Para subsidiar a proposta, além de *Dobra: poesia reunida* (2014), de Adília Lopes, o minicurso vale-se dos estudos de Fernando Rosas (2001), João Gomes Esteves (2001), Irene Vaquinhas (2002), Patrícia Rocha (2009), Octávio Paz (2014), Ana Bela Almeida (2016), entre outros.

32. TÓPICOS SOBRE A PESQUISA INDIGENISTA NO BRASIL: MÉTODOS DE TRABALHO DE CAMPO

Kelly Edinéia Oliveira da Silva (UFPA-PPGL)
Carla Daniele Nascimento da Costa (UFPA-PPGL)

Este minicurso apresentará algumas questões fundamentais da pesquisa linguística indigenista, dando especial atenção às pesquisas desenvolvidas no âmbito brasileiro. Questões como o porquê de se estudar línguas indígenas, a classificação das línguas indígenas amazônicas e metodologias de documentação, descrição e análise de línguas indígenas serão o foco deste minicurso. O minicurso oferecerá aos participantes a oportunidade de conhecer os principais conceitos e métodos desta área de estudo da linguística. Num primeiro momento do minicurso, apresentaremos um panorama geral das línguas indígenas, no qual retrataremos a classificação das línguas indígenas amazônicas apontada por Moore, Galúcio e Gabas Junior (2008), onde o agrupamento das línguas indígenas amazônicas – muitas delas faladas em território brasileiro – estão organizadas em troncos linguísticos, famílias e algumas línguas isoladas. Num segundo momento, abordaremos a importância de se estudar as línguas indígenas, cuja relevância pode ser agrupada em dois grandes eixos (ou duas grandes motivações) que impulsionam os estudos linguísticos indigenistas, são eles: o fator científico – as línguas indígenas fazem parte das mais de 6 mil línguas naturais faladas no globo terrestre que servem de objeto de estudo para a linguística enquanto ciência – e o fator social – o auxílio à preservação de línguas minoritárias que muitas comunidades indígenas reivindicam. Por fim, desenvolveremos atividades práticas com os participantes, nas quais daremos ênfase ao uso de um *software* amplamente utilizado por linguistas na documentação, descrição e análise de dados de línguas, o ELAN.

33. LETRAMENTO DIGITAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: TECNOLOGIAS PARA ENSINAR E APRENDER

Ms. Thays Coelho de Araújo (UEA)

Os conceitos de escola e de práxis educacional têm mudado após o surgimento e a consolidação da cibercultura em meados de 70. Desse modo, passou-se do cenário de uma educação erudita para uma arena de discussões que tratam da necessária relação entre prática educativa e utilização de recursos tecnológicos presentes em uma sociedade cada vez mais letrada digitalmente. Assim, o presente minicurso preocupa-se com a atualização de um diálogo sobre a presença do letramento digital nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que esse conceito fomenta novas formas de ler e de escrever. Nessa perspectiva, tem-se por objetivo propor ferramentas, atividades e aplicativos que possam ser utilizados em sala de aula. Busca-se, portanto, auxiliar a formação de professores, oferecendo a eles subsídios práticos, teóricos e contemporâneos nas áreas de linguagem e de educação. Para isso, este curso alinha-se aos preceitos teóricos do letramento, pensados por (SOARES, 2006; 2008), (KLEIMAN, 2007), para as quais o termo designa um conjunto de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e como tecnologia. Além disso, centra-se na noção de letramento digital, uma parte integrante dos multiletramentos, os quais lidam com uma nova realidade linguístico-textual, o hipertexto, defendido por (ROJO, 2009; XAVIER, 2009; BRAGA, 2007; DIONISIO, 2008). Fundamentando a relação do professor com a sua formação tecnológica, este curso ancora-se em (LEVY, 1998; CESARINI, 2004; KAY, 2006). Desse modo, as atividades realizadas no minicurso possibilitarão aos cursistas desenvolver a reflexão linguística e o letramento digital dos seus alunos ou futuros alunos.